

GSLIVROS / EDIÇÃO DO AUTOR

O caminho de volta

Romance curto · amostra fictícia

GSLIVROS · AUTORIA DE DEMONSTRAÇÃO

Sumário

Clara volta à casa da avó para vender o imóvel e encontra uma carta que muda seus planos. Uma história breve sobre reencontro e escolhas.

A casa das lembranças 2

A ponte 3

Uma porta aberta 4

A casa das lembranças

Quando Clara voltou à casa da avó, encontrou a mesma janela azul. Sobre a mesa, uma carta esperava por ela. O envelope tinha seu nome e nenhuma data. Ela deixara aquela cidade oito anos antes, levando uma mala, a aprovação na faculdade e a certeza de que nunca mais viveria ali. Agora, o corretor viria na manhã seguinte. Clara tinha um emprego na capital, uma rotina precisa e pouco espaço para uma casa cheia de objetos. Abriu as cortinas. No jardim, a roseira sobrevivera ao abandono; alguém vinha regando as plantas.

Na carta, a avó não pedia que ela ficasse. “Uma casa pode ser vendida”, escrevera. “O que você aprendeu dentro dela pode ir junto. Antes de decidir, procure a caixa de ferramentas do seu avô.” Clara sorriu: mesmo ausente, a avó parecia saber onde ela colocaria a pressa. Encontrou a caixa no armário dos fundos. Entre parafusos e chaves, havia uma fotografia de uma ponte de madeira e um desenho assinado por Daniel. Tinham planejado restaurar aquela ponte no último verão antes de sua partida. O projeto ficara no papel, como a conversa que nenhum dos dois tivera coragem de terminar.

Uma batida no portão a fez guardar a fotografia. Daniel segurava um regador. Parecia mais velho, mas ainda inclinava a cabeça antes de falar. “Sua avó me pediu para cuidar do jardim”, disse. Clara abriu o portão. Pela primeira vez naquele dia, deixou a mala no corredor sem pensar na hora de ir embora.

A ponte

Caminharam até o rio depois do almoço. Daniel trabalhava na oficina da família e ajudava uma associação a recuperar espaços do bairro. A ponte antiga fora interditada. Do lado de cá, crianças brincavam junto à cerca; do outro, o caminho até a escola exigia uma volta de vinte minutos. “Achei nosso desenho”, disse Clara. Daniel não respondeu imediatamente. Mostrou as marcas da última enchente nos pilares e explicou o que um engenheiro já havia avaliado. A madeira bonita do desenho não resolveria tudo. Precisavam de estrutura, autorização e dinheiro. Clara gostou daquela resposta: ele já não confundia desejo com plano.

Sentaram num banco. Ela contou que gostava do emprego, mas vinha adiando projetos em que acreditava. Ele contou que também pensara em partir. A conversa não apagou os oito anos. Apenas abriu espaço para perguntas que antes tinham sido substituídas por certezas. “Eu achei que você queria que eu desistisse da faculdade”, disse Clara. Daniel olhou para o rio. “Eu queria ter perguntado como continuar perto. Não sabia fazer isso.” Ela também não soubera. Haviam discutido sobre a cidade quando o assunto era o medo de perder um ao outro.

Na volta, Clara pediu os documentos da associação. Poderia organizar uma apresentação do projeto para possíveis apoiadores, mesmo morando longe. Daniel aceitou, sem transformar a oferta numa promessa de permanência. Antes de se despedirem, combinaram um café para sábado.

Uma porta aberta

O corretor chegou às nove. Clara percorreu os cômodos com ele e ouviu as opções. Pediu uma semana para decidir. Não queria transformar a carta numa obrigação de conservar o imóvel, nem vender a casa apenas para encerrar rapidamente o luto. Durante a semana, conversou com a família, calculou despesas e separou fotografias. A casa precisava de reparos. A associação buscava uma sede pequena para reuniões e aulas de desenho. Um aluguel temporário permitiria cuidar do imóvel enquanto ela avaliava o futuro. Era uma possibilidade concreta, não uma resposta mágica.

No sábado, levou a Daniel duas folhas: a proposta da ponte e um esboço de uso da casa. Ele leu a primeira, depois a segunda. “Vamos mostrar aos outros”, disse. Clara percebeu que gostava daquele plural. Também gostava de poder voltar à capital na segunda-feira, sem ser acusada de abandonar a cidade outra vez. Conversaram até o café esfriar. Quando Daniel segurou sua mão, ela não procurou uma promessa escondida no gesto. Combinaram se encontrar novamente. Teriam de descobrir, com tempo e conversa, como caberia um reencontro entre duas vidas que continuavam diferentes.

Antes de viajar, Clara regou a roseira e guardou a carta na mala. A janela azul ficou aberta para arejar a sala. A casa já não era o lugar de onde precisava fugir nem o lugar onde era obrigada a ficar. Era uma porta que podia abrir, com cuidado, quando escolhesse voltar.